

# Stadium



**SPORTING em CHAMARTIN** — *Curta protege magnificamente Velasco. Pyroteo não passará!... Em baixo — Azenedo antecipa-se a Seguer e faz uma maravilhosa defesa por alto. Barrosa e Veríssimo estão dentro da jogada, e Canário observa*

**N.º 344** ♦ Preço 2\$50  
6 de Julho de 1949

# O XXI Porto-Bisboa

disputado com animação

confirmou o valor de Fernando Moreira e mostrou que a equipa do Porto deve ter encontrado um bom reforço em Lambertini e Valmirjana

A equipa do Benfica foi a que se lhe seguiu em valor

O Porto-Lisboa, podendo considerar-se, este ano, a réplica do Lisboa-Porto, disputado quinze dias antes, superou este em animação e foi-lhe muito inferior em movimentação de público. As duas provas, as maiores, até agora, nesta época, equilibraram-se apenas nos valores que revelaram—boa forma de Fernando Moreira e, boa constituição da equipa nortenha e colocação do Benfica em segundo lugar. A representação dos encarnados do sul pode, no entanto, acusar o reflexo da tática adoptada. Em ambas começou a atacar muito cedo, para se ver depois em dificuldade. De Lisboa para o Porto chegou a dominar e teve vantagem em dois terços da corrida. Entre o Porto e Lisboa, houve um período de brilhantismo, em resposta valorosa, quando a sorte se lhe tornou mais adversa. O percurso entre Pombal e Condeixa foi, em ambos, o mais penoso, para o Benfica. O clube não deixou, no entanto, de marcar a sua presença—e o seu valor.

A prova de domingo reuniu um lote de 49 corredores, à partida. A sua movimentação saiu de um atrazo de Moreira de Sá, entre S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis; e partiu do Benfica. Com José Martins, seguiu Joaquim Apolo. Ambos algarvios, a fuga poderia ter influência nas duas equipas em luta mais apertada com o Porto. Sucedeu, porém, que Joaquim Apolo teve uma avaria. José Martins ficou sózinho. Podia ter desistido da tentativa. Preferiu, todavia, continuar. Deve ter sido o seu erro. Quando o Porto se viu com Moreira de Sá de regresso, saiu Lambertini antes de Agueda, ao encontro de José Martins, com Manuel Barros e Jerónimo Souto, este a fazer número. O Benfica não respondeu. José Martins continuou, pois, sózinho, como único elemento do seu clube em luta com dois—Porto e Louletano—na altura em que foi apanhado.

Depois de isto, coube a Fernando Moreira jogar bem a cartada, a trepar, de Coimbra para Santa Clara, com Joaquim Apolo na frente. O «pelotão» numeroso ficou liquidado—e Fernando Moreira, com outros corredores, reuniu-se ao terceto formado por Martins, Lambertini e Manuel Barros, a pouca distância antes da

passagem por Condeixa. José Martins, certamente ressentido pelo esforço produzido, desistiu antes de chegar a Pombal. Guilherme Jacinto *jurou*. A saída da referida vila, o Benfica parecia destroçado. Pouco depois, na frente da corrida, haviam 6 homens do Porto e três de Loulé, com os lisboenses muito atrasados.

Seguiu-se, todavia, um período em que o Benfica reagiu valorosamente. Em Alcobaça, à custa de energia, a batalha tinha já outras características—os mesmos seis homens do Porto, com quatro do Benfica em perseguição dura. A ladeira do Facho sacrificou dois corredores do Porto—Valmirjana, por desgaste, para desistir, e Joaquim Sá, por queda. Moreira de Sá mudou de máquina em Torres Vedras. Mas tudo correu de modo a que os valores do Porto se ajustaram na meta. Fernando Moreira foi brilhantíssimo no período final. O domínio do Futebol Clube do Porto traduziu-se, à chegada, na conquista dos quatro primeiros lugares, e na diferença de 13 pontos, na classificação por equipas. A dupla vitória do Porto é digna de elogio.

A classificação final fez-se como segue:

1.º, Fernando Moreira, 11 h. 32 m. e 27 s.; 2.º, Lambertini, 11 h. 35 m. e 44 s.; 3.º, Moreira de Sá, 11 h. 39 m. e 43 s.; 4.º, Joaquim Costa, 11 h. 45 m. e 34 s.,



Fernando Moreira, o valoroso ciclista do F. C. do Porto, momentos depois de ter chegado às Salésias. Um grande vencedor do 21.º Porto-Lisboa

todos do F. C. do Porto; 5.º, Guilherme Jacinto, Benfica, 11 h. 48 m. e 24 s.; 6.º, João Rebelo, Benfica, 11 h. 55 m. e 39 s.; 7.º, Joaquim Apolo, Louletano, m. t.; 8.º, Alfredo de Oliveira, Benfica, m. t.; 9.º, António Maria, Benfica, m. t.; 10.º, Joaquim Sá, Porto, m. t.; 11.º, Império dos Santos, Benfica, 11 h. 59 m. e 55 s.; 12.º, Jerónimo Souto, Académico, 12 h. e 54 s.; 13.º, Alexandre Cristinas, Louletano, 12 h. 17 m. e 32 s.; 14.º, Edgar Marques, Benfica, 12 h.

19 m. e 58 s.; 15.º, Libertino Matos, Vitória, 12 h. 43 m. e 25 s.; 16.º, Joaquim Manique, Belenenses, m. t.; 17.º, José Gonçalves, Sangalhos, m. t.; 18.º, Joaquim Amaro, Vitória, 12 h. 45 m. e 35 s.; 19.º, Domingos Carvalho, Académico 12 h. e 46 m.; 20.º, José Pedro da Silva, Sangalhos, 12 h. 54 m. e 32 s.; 21.º, M. Dias Rocha, Sangalhos, m. t.; 22.º, Duarte Ferreira, Vitória; 23.º, António Marques, Arroios; 24.º, João Oliveira, Vitória.

Por equipas:

1.º—F. C. do Porto, 6 pontos; 2.º—Benfica, 19; 3.º—Vitória, 55.



Muito cedo os ciclistas abalam do Porto para a grande prova de estrada. Fernando Moreira é dos primeiros e a curta distância vê-se José Martins que não chegaria a concluir a prova

Ano VII — II Série — N.º 346  
Lisboa, 6 de Julho de 1949

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.º  
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão da Censura

# O vencedor do "Grande Prémio de Lisboa"

entrevistado para «Stadium»  
faz curiosas revelações



O tenente Farrusco Junior, recente vencedor do Grande Prémio de Lisboa

**T**ERMINARA o Grande Prémio. Andavam ainda no ar os rumores dos aplausos do público, premiando, com emoção, a vitória do tenente Farrusco Junior que, com a certeza do bom êxito que alcançara para o hipismo nacional, não ocultava a sua satisfação. De todos os lados surgiam abraços e felicitações e também nós nelas tomamos parte, conscientes de que naquela tarde quentíssima, se haviam felizmente reabilitado os cavaleiros portugueses, não consentindo adversários estrangeiros entre os cinco primeiros classificados da nossa mais importante prova hípica individual.

Pensamos no jornal e na missão que desempenhavamos, tentando colher algumas opiniões do homem que conseguira o triunfo, numa prova de tanta responsabilidade. Era lúçoso ouvi-lo, para que os nossos leitores conhecessem, mais profundamente, o que pensava o jovem cavaleiro da sua vitória e da forma como a encerrava.

As perguntas foram surgindo à guisa de conversa, sem preparação nem ritmo, e as respostas foram encontradas, despretenciosas e sinceras, sem qualquer parcela de vaidade.

De facto, o tenente Farrusco, que sempre tem revelado o seu grande desejo de progredir e de triunfar, não é vaidoso e procura sempre tirar todo o partido possível daquilo que aprendeu no curso de equitação, concluído há pouco no Depósito de Remonta.

— A vitória num «Grande Prémio» — diz-nos — é dumha emoção à altura da prova. As dificuldades em percursos desta natureza são apreciáveis e este, com um bom número de cavalos consagrados, montados por cavaleiros experientes e sabedores, tanto nacionais como estrangeiros, era bastante árduo. Tive a felicidade de alcançar o primeiro lugar, o que me deu indelével alegria.

E a reforçar o seu pensamento, o tenente Farrusco prossegue:

— Sendo na realidade agradabilíssimo vencer-se qualquer prova, a vitória tem um sabor especial quando é alcançada no «Grande Prémio» do Concurso Hípico Internacional de Lisboa.

— Gostou, sr. tenente, da ovação que lhe dispensaram no fim da prova?

— Sem dúvida. A assistência ajuda-nos a viver um pouco a nossa emoção, compartilhando dela e exteriorizando-a em rasgos de simpatia que nos fazem atingir as raízes da comoção.

— Que nos diz de «Abandonado?»

— Trata-se de um cavalo argentino, com 14 anos, que debutou em 1945 no Concurso Hípico do Porto, tendo a partir de então, o seu nome surgido várias vezes na lista de premiados. Sofreu na época passada um acidente de que resultou a sua inactividade em provas. No concurso de Maafrá findo, porém, — no qual pareceu e o montei pela primeira vez — classificou-se bem e com regularidade. Em Lisboa, confirmou o seu bom estado físico fazendo no «Grande Prémio» um bom percurso.

— Ao termina-lo receu ser derrotado, ou pensou logo na vitória?

— Confesso-lhe que fiquei, de facto, com certa esperança no êxito final, a qual no entanto se podia desfazer em qualquer altura, tanto mais que o programa apontava como último concorrente um perigosíssimo adversário — «Favorito», montado pelo sr. capitão Henrique Calado!

— Agora que venceu a mais importante prova individual do hipismo português, quais são as suas ambições? — inquirimos.

— As ambições de quem monta a cavalo, quer em concursos, quer fora deles, são, como é natural, o conseguir-se o maior aperfeiçoamento possível em tão interessante como difícil ramo de desporto. Ora, como ao cavaleiro está sempre ligada a montada, elas en-

globam também o possuir a matéria prima tão necessária — um bom cavalo. As minhas ambições estão pois definidas: aperfeiçoar-me, ter bons cavalos e... entrar em muitos concursos.

— Quais os cavalos que montou?

— Poucos poderei mencionar, porque não quero incluir como tal, alguns animais que montei e que, depois de uma óptima viagem, chegavam ao campo de obstáculos e nem os visores queriam passar... Apenas lhe indico dois, o «Defensor» e a «Benguela». No primeiro inicié a minha modesta carreira hípica e a segunda, que me esteve distribuída no 2.º ano do Curso, considero-a o animal mais agradável que montei.

— Quais foram os seus mestres? — sr. tenente.

— Tive vários e a todos estou franca e sinceramente agradecido. Um há porém, a quem eu quero, em especial, tornar pública a minha gratidão — o sr. capitão Henrique Calado. Tendo sido meu instrutor no Curso de Equitação fiquei-lhe então devedor, desde o favor da sua amizade, aos conselhos acertados que sempre me dava nas suas lições e que tão úteis me têm sido. Cavaleiro extraordinário não o foi menos como mestre do Curso de Equitação. A ele, com a minha sincera admiração, anda pois sempre ligado o meu vivo reconhecimento.

A entrevista estava no fim, mas uma pergunta, talvez audaciosa, nos saiu quase de chofre:

— Gostaria de ser chamado à equipa nacional?

O vencedor do «Grande Prémio»



Farrusco Junior na «Benguela» disputando a Prova «Caças» do C. H. de Cascais

de Lisboa», sorri e responde já em ar de despedida:

— Quase é desnecessária a minha resposta. O sonho de um cavaleiro é sempre conseguir mais e melhor. Ele está um pouco ligado às suas ambições e nestas, o sonho doirado consiste em ser internacional. Este título, que tão ambiciosamente se busca, acarreta, evidentemente, inúmeras responsabilidades mas... quem não gostaria de tentar?

O tenente Farrusco Junior estendeu-nos francamente a mão e ao correspondermos à sua despedida ficamos fazendo votos para que consiga ser todos os seus sonhos bem realizados — conseguindo um bom cavalo, os melhores êxitos, e as esporas de internacional.

ANTAS TEIXEIRA

## AS ENTIDADES DESPORTIVAS E A «STADIUM»

Do Ginásio Clube Português recebemos o seguinte ofício:

Sr. Director da Revista «Stadium» — Tenho a honra de comunicar a V. que em Assembleia Geral do nosso Clube, efectuada em 17 do corrente, foi aprovado um voto de louvor e agradecimento à Revista «Stadium», com fundamento na valiosa cooperação que sempre desinteressadamente nos tem prestado, tornando públicos todos os empreendimentos do nosso Clube e auxiliando-nos na propaganda da Educação Física.

Temos pelo Ginásio Clube Português uma considerável elevadíssima, pelos seus princípios e pela maneira como o grande clube se orienta. De si o cumprimos, sempre, a nossa obrigação, divulgar a sua obra.

Do Sport Club «União» Torreense recebemos esta carta:

Sr. Director da «Stadium» — Junto temos a honra de devolver a V. a fotografia cedida gentilmente por V. — equipa de «O Elvas» — cuja utilidade foi para nós manifesta, durante a propaganda que empreendemos quando dos Festivos Comemorativos do nosso Clube durante aquela data festiva, bem como, a publicação da fotografia da cerimónia da entrega da Taça Sado ao nosso «team» de honra, transmitindo a V. os mais vivos agradecimentos da massa associativa do Sport Club União Torreense.

Aproveitamos a oportunidade para igualmente agradecer à Revista «Stadium», na pessoa de V., as amáveis referências feitas ao nosso Clube durante aquela data festiva, bem como, a publicação da fotografia da cerimónia da entrega da Taça Sado ao nosso «team» de honra, transmitindo a V. os mais vivos agradecimentos da massa associativa do Sport Club União Torreense.

O União Torreense encontrar-nos-á sempre ao seu lado, em todas as iniciativas.



**A**NTES que o navegador genovês Cristovam Colombo tivesse descoberto o continente americano, a 12 de Outubro de 1542, já existia naquelas paragens um jogo de destreza, praticado com uma bola de pequenas dimensões e abundantes varapaus, a que os Peles Vermelhas chamavam «baggataw-yo».

Estudos posteriores, actualmente impressos em volume, tais como *Letters and Notes on the Manners, Customs and Conditions of the North American Indians*, de Catlin (Londres, 1841, 2.º Vol., pág. 123) e em particular o *Games of the North American Indians*, de Stuart Collin, confirmam a existência de um desporto de natureza bélica, muito em voga entre as várias tribus do Far-West.

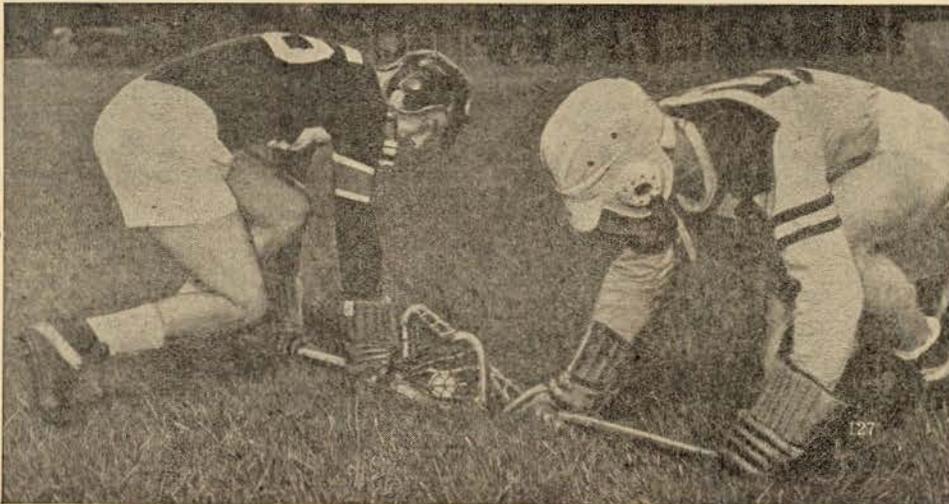
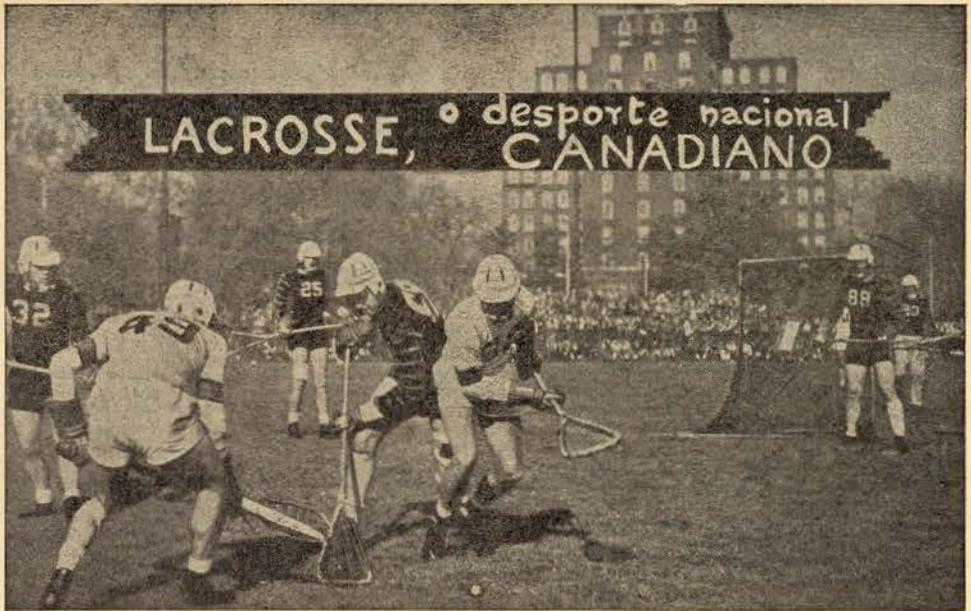
Consistia, essencialmente, em conduzir, segura pelos dentes, uma bola largada no terreno, até colocar num receptáculo, afastado de um quilómetro do ponto de origem.

Participavam nesta polémica desportiva cerca de 400 guerreiros armados de varas, metade pertencendo a uma tribo e a outra metade pertencente a outra. Quem pudesse spanhar a bola com os dentes, corria velozmente até à meta, enquanto os adversários procuravam fazer-lhe largar a presa, à paulada, e os partidários lhe defendiam a progressão, de igual maneira.

Nasceu daqui o jogo nacional canadiano, que se denominava *Lacrosse*, e tanto se pratica sobre o gelo como em terreno relvado. Foi o dr. George Montreal, a pessoa que o tornou popular, que regulamentou e desenvolveu, em 1850. O nome com que o designaram deriva do fétio do *slick*, utilizado pelos jogadores, e no qual viram semelhanças com a cruz, que os bispos da igreja católica usam sobre as suas vestes sagradas.

O *slick* assemelha-se bastante a uma raquete de ténis de dimensões superiores às normais, e cada grupo apresenta dez jogadores no terreno, protegidos com máscaras faciais e capacetes à prova de choques.

Facto curioso: O tão recantado «jogo de pares», que hoje se pratica correntemente no futebol, constitui uma obrigação no «lo-



crosse», pois cada jogador de um grupo se emparelha com um adversário e constitui a sua sombra negra.

Durante o decorrer dos desafios não há *offsides* possíveis, mas todo o jogo perigoso é formalmente reprimido. O uso das mãos está fora das regras, excepto para os guarda-redes, e a carga leal é permitida.

A expansão deste desporto original e espectacular cresce de dia para dia. Nos Estados Unidos, só as Universidades o praticam com grande assiduidade, em especial a Johns Hopkins University, de Baltimore, mas cerca de 50 colégios e 75 liceus, distribuídos pelo Centro e pela Costa da Califórnia, possuem grupos de categoria e disputam desafios entre si.

O terreno do jogo mede 100 metros de comprimento por 64 e tem o feitiço rectangular. Ao meio, traça-se uma linha, dividindo-o em duas partes, e as balizas ficam situadas a 15 jardas das linhas da cabeceira, mas dentro do terreno.

Os dez jogadores — um guarda-redes, três defesas, três médios e três avançados — têm missões e acções idênticas às do futebol, mas podem conduzir a bola dentro da rede do *slick* (e despejá-la na rede do *slick* dum companheiro) ou golpear-la como sucede no ténis.

O tempo de cada desafio é composto por quatro «partes» com 15 minutos de duração e no final de cada período de tempo há mudança de campo.

Eis os traços muito gerais do desporto que está atraindo o interesse da mocidade estudiosa americana ao ponto de ameaçar a popularidade do *collegiate football*. Dizem os apaixonados pelo novo jogo que além de ser muito atlético é isento de perigos. De facto, em 16 anos só se verificou uma fratura, caso digno de menção e raro, mesmo levando em conta que o *lacrosse* tem escassa divulgação nos diversos países americanos e europeus.

RAFAEL BARRADAS

JÁ depois de publicado o primeiro artigo desta série outro «team» espanhol veio até nós, elevando para dez o número das equipas estrangeiras de clube que esta época vieram a Portugal. Evidentemente, o balanço da temporada internacional ficaria incompleto, se não nos ocupássemos dele. Falemos, portanto, do Celta e dos seus homens...

O grupo vigues não realizou em Alcobaça, aonde o fomos ver, a exibição que está dentro das suas possibilidades, mas deixou contudo a impressão de ser, por exemplo, elemento melhor que o Desportivo da Corunha e, possivelmente, mais equilibrado que o Saint Etienne.

A sua juventude, — uma das características mais frizantes do Celta é sem dúvida, a da Juventude, — ter-se-á deixado impressionar pelas dificuldades e a impossibilidade de resolver alguns problemas do jogo, arrastou-a para uns tantos momentos de exaspero, a que geralmente não chegam equipas de mais prolongada experiência...

A questão do peso e do tamanho da bola foi o ponto de partida para as divergências.

Os espanhóis apresentaram, positivamente, uma bola com as dimensões das do basquete. O Ginásio, pelo contrário, insistiu em jogar com uma bola de andebol...

Os galegos jogaram melhor com a sua, menos cheia e menos saltadora, num piso que, na realidade, precisa de tornar-se muito mais

# O CELTA

## uma equipa que caminha para o primeiro plano do «association» espanhol

macio. Os alcobacenses, já por experimentarem maior á-vontade, já por presentirem as dificuldades daqueles, preferiram a bola pequena.

Parece-nos que os espanhóis, teimando em jogar com as bolas desconhecidas, exageraram quanto ao seu próprio caso, por várias razões de ordem técnica e até por os outros, naturalmente, não transigirem, nas ocasiões em que a verdade está do seu lado...

O Celta, sabendo que vinha jogar em campos sem relva, percebeu-se, mas exorbitou, embora desprezando o detalhe importante de não substituir por botas mais pesadas as leves botas, revestidas de «pitons», que se usam na relva... Como o Ginásio exorbitou também, talvez mesmo sem intenção. Em terrenos tão duros não se deve jogar com bolas tão cheias, que trazem o jogo constantemente no ar, provocando choques a torto e a miude...

Em muitos pormenores os homens do Celta mostraram tendência para não levantar a bola, pelo menos para a não levantar desmarcadamente.

São entre eles frequentes as trocas a meia-altura, em salto, com a parte de dentro do pé.

Mas nem sempre — e este foi um aspecto chocante, por vezes, — as transposições tiveram a necessidade clara, resultando das falhas dos médios de ataque, em cuja formação a inexistência do veterano Alonso foi quase absoluta na primeira parte. Que diferença entre o Alonso de agora e o mesmo jogador de há três meses como defesa esquerdo da selecção de Espanha!

Em vez de homem sereno, de jogo reflectido, que fazia entregas admiráveis com a bola rasa, surgiu em Alcobaça um «volante» preocupado, — porventura com o seu próprio desacerto...

No segundo tempo, a passagem de Yayo para médio e a de Sobrado para interior, tornou possível à equipa aproximar-se bastante mais dela mesma.

A sobriedade de Yayo imprimiu aos lances a definição que o irrequietismo de Sobrado não deixa a transparecer, por faltas evidentes na colocação. E como a «audácia» deste encontrasse na meia-ponta zonas mais propícias, a toada dos vigueses melhorou.

Este Celta tem futuro. É uma equipa moça e atlética, com todas as condições para aparecer dentro em pouco no primeiro plano do futebol do seu país.

Os interiores da primeira parte, Pepin (direito) e Aretio não deram nas vistas. Jogaram no jeito modesto e apado de que os interiores espanhóis ainda não conseguiram libertar-se. Na parte final, Pepin, que sabe controlar e conduzir a bola, subiu uns furos, não obstante circunscrever demasiadamente a sua acção, o tal erro que perdura ou o mal que assoberba ainda o jogo espanhol...

Sobrado foi infinitamente mais exuberante e mais activo. Os técnicos da nação vizinha não darão o tempo por desperdiçado, começando a reparar neste rapaz...

Os guarda-redes Simon e Bandera, de estatura mãe, são de valor muito aproximado.

O homem de mais classe da equipa é o médio-centro Lolin, de uma perspicácia bem servida pela rapidez e por despachos fáceis com qualquer dos pés.

Juanin, de movimentos que fazem recordar com frequência o

## Ecos...

Há quem afirme que o loiro Ted Smith se prepara para «fazer as malas» e regressar à neobenta Albion, rescindindo o seu contrato com o Benfica.

Damos a notícia tal como nos chegou, ainda que nos pareça não dever passar de «boato» inconsistente, pois não acreditamos que se «deixe fugir» um homem que ao seu clube deu três títulos numa época.

Diz-se que da sua «tournee» às Ilhas, o Belenenses regressará com um novo «recruta», adquirido ao Santa Clara.

Trata-se de um avançado-centro, jomem de quem já nos disseram maravilhas no fim da época de 1947/48.

Depois do Estoril, que já regressou, e do Belenenses, que para lá seguiu há duas semanas, é o Benfica a que vai visitar a Ilha da Madeira, a convite do Marítimo.

Os funchalenses — credores dos melhores parabens, por assistirem em tão curto espaço de tempo às exhibições de três das melhores equipas do Continente — prepararam-se para receber fidelamente o Benfica, que há 13 anos não visita o Funchal.

O embarque dos benfiquistas faz-se no dia 8, a bordo do «Limas».

O Covilhã tinha fundados motivos para acreditar que contaria na próxima época com Martin — um espanhol que alinhava no Sport Viseu e Benfica.

Ao fim e ao cabo, goraram-se as negociações, e o espanhol assinou contrato com o Leixões.

A despeito das notícias que dão do médio Joacim como «inamovível» de Porto, as hostes sportingistas dão-no como certo para o Sporting.

«Guerra de nervos», afinal, cujo vencedor breve se conhecerá.

Falou-se muito — e um colega nosso chegou a dar a notícia como certa — nas transferências de F. Coiado e Serafim, do Boavista para o Benfica.

Afinal, não passou de «boato»...

Ambos se quedarão no seu clube de origem, dispostos a colaborar eficazmente no regresso deste à 1.ª Divisão.

antigo avançado-centro portuense Acácio Mesquita, apenas não nos pareceu decidido nas «descolagens» para a baliza...

Ao extremo direito Atienza as «coisas» nem sempre terão saído bem. Meckerle foi um ponta que nos quarenta e cinco minutos iniciais teve admiráveis corridas para o remate. Mas na segunda parte não as repetiu...

ADRIANO PEIXOTO

No próximo número:

As acções das equipas nacionais ante os clubes estrangeiros.

Pense nas vantagens que a  
**BIRO MINOR**  
lhe proporcionará

A Biro Minor — o membro mais novo da família Biro — mantém a popularidade na sua utilização dentro de casa.

Agora, a Biro Minor foi modificada de maneira a poder-se substituir-lhe a bomba para tinta de qualquer das cores Biro — vermelho, verde, azul e preto-azulado. Outro aperfeiçoamento, é a junção de uma cabeça exterior de protecção que permite transportá-la com segurança para toda a parte.

Como a célebre caneta Biro, as novas Biro Minors e as bombas sobressalentes vendem-se em toda a parte com tinta apropriada às condições climáticas do país.

**Biro**  
Minor

A Biro e a Biro Minor satisfazem  
todas as necessidades de quem  
precisa de escrever

Distribuidor para Portugal: António Campos-Trav. Nova de S. Domingos, 9-12-Lisboa



# Os Nacionais de Juniores confirmam a classe dos novos

**O**S campeonatos nacionais de juniores, organizados no sábado e domingo passados na pista do Lima, vieram reforçar a ideia, nascida nos regionais, do apreciável valor de forte lote dos novos elementos da categoria.

Nove dos recordes da categoria foram melhorados, atingindo alguns níveis que poucos dos actuais seniores conseguirão ultrapassar; por exemplo, 16,2 s. nos 110 metros-barreiras, 3.<sup>m</sup>45 saltando com vara, 22,3 s. e 52 s. nos 200 e nos 400 metros.

Se considerarmos que se trata de rapazes com menos de 22 anos e escassos anos de prática — alguns são principiantes desta época — a impressão geral só pode ser optimista, considerando que a nova camada trará, num futuro próximo, um considerável reforço de que o atletismo português bem necessitado anda.

Este torneio, apesar da ausência dos representantes do Colégio Militar, que se fez sentir sobretudo nos resultados dos lançamentos, decorreu com enorme interesse, pela acesa luta entre o Benfica e o Sporting — desta vez batido apenas por seis pontos — e pelo considerável número de valores aproximados no primeiro plano.

Assim verifica-se que, em 18 provas, os lisboetas ganharam 14, mas só quatro campeões de Lisboa dobraram o título: Casimiro Lúcio, Luís Falcão, Octávio Oliveira e Mário Lourenço.

O Sporting foi o clube que maior número de títulos conquistou: nove. Seguem-se, Benfica, com cinco; Académica de Coimbra, dois; Académico e F. C. do Porto, cada um seu.

Na pontuação geral o Benfica triunfou com 151 p., vindo depois:

Sporting, 146 p.; Académico, 38 p.; F. C. do Porto, 26 p. e Académica de Coimbra 22 pontos.

O Sporting mereceu sobre o rival superioridade nas corridas (93 p. a 81), mas foi batido nos concursos (34 p. a 44 nos saltos e 19 p. a 26 nos lançamentos).

Foi nos lançamentos que os clubes portugueses mais se distinguiram, conquistando os seus dois títulos e somando: o F. C. do Porto, 20 p. e o Académico, 19 pontos.

Muito de louvar a presença da Associação Académica de Coimbra, cujos corredores de velocidade se impuseram como os melhores. Que sirva de estímulo para definitiva adopção do atletismo entre as práticas desportivas de «Brisos».

Dos resultados já conhecidos, limitamo-nos a indicar os campeões, com breve comentário sobre a sua acção.

O conimbricense Manuel Correia, campeão dos principiantes, voltou a afirmar-se, estabelecendo novo recorde com 11,2 s.; foi outro académico, Rocha Brito, quem se classificou segundo com 11,3 s. Os dois melhores de Lisboa não estavam presentes na final.

Bons tempos e prometedora classe do vencedor.

O sportinguista Jorge Abreu, bela estampa de corredor, ganhou os 200 metros em 22,3 s. e os 400 metros em 52 s., ambos novos recordes. Temos neste rapaz, se persistir e tiver interesse pela sua preparação, um futuro recordista senior.

João Luis e Figueira, bons segundos, não sofrem desprimor pelo facto.

Nos 800 metros e na ausência de Subral, só Fernando Aguiar podia ser o campeão; o tempo de 2 m. 6,5 s., igualado pelo segundo,

Jones Fernandes, é apreciável e a sua vitória confirma a energia e tenacidade deste rapaz, cujo estilo não agrada à vista, mas é na realidade eficaz.

Casimiro Lúcio venceu os 5.000 metros em 16 m. 23 s. e os 1.500 metros em 4 m. 24, 4 s., novo recorde. Esperávamos com interesse a sua prova, pois há oito dias perdura a corrida pela sua tática infantil, abalando como para uns quatrocentos metros. Melhor aconselhado deveria obter outro resultado e assim sucedeu.

Mário Lourenço, 16,23 s. nos 110 metros-barreiras, é uma extraordinária revelação. Aperfeiçoado o estilo ainda — como é natural num estreante da época — deficiente, deve rondar o recorde.

Carlos Cunha, desta vez sem acidente, confirmou o nosso prognóstico e foi o melhor dos sportinguistas, com 16,6 s., igualando o antigo recorde.

Na outra prova de barreiras, 300 metros, João Luis estabeleceu novo recorde, com 42,5 s., o campeão de Lisboa foi apenas terceiro.

Nas estafetas registaram-se dois novos recordes: da Académica nos 4x100 metros, em 45,6 s. (o Sporting classificado a seguir com 45,7 s. melhorou o recorde de Lisboa) e do Sporting nos 4x400 metros, com 3 m. 39,3 s. As médias, respectivamente de 11,4 s. e 54 s. já são interessantes para a categoria.

Nos concursos só foi muito bom o resultado do salto à vara, onde Evaristo Caetano subiu o recorde para 3.<sup>m</sup>45, uma das melhores marcas portuguesas.

Falcão venceu a altura com



Jorge Abreu, do Sporting, estabeleceu dois novos recordes nacionais nos 200 e 400 metros

1.<sup>m</sup>75; Carlos Esteves o comprimento com 6.<sup>m</sup>30 e Alvaro Mendes o triplo, com 13.<sup>m</sup>48.

Nos lançamentos: Falcão no peso com 12.<sup>m</sup>09; Ferreira da Silva no disco com 30.<sup>m</sup>61; Otávio Oliveira no dardo com 49.<sup>m</sup>98 e Mário Graça no martelo com 34.<sup>m</sup>90.

A marca do peso é, de todas, a mais inferior.

SALAZAR CARREIRA



A equipa da estafeta 4x100 da Académica de Coimbra, (Wilson, Guimarães, Pimentel e Correia) que estabeleceu o novo recorde nacional



O benfiquista Mário Lourenço, que estabeleceu o novo recorde nacional dos 110 metros-barreiras, em plena prova

Os calalães do Barcelona mereceram a vitória. São, agora, legítimamente campeões da Taça Latina, e não há dúvida que o futebol espanhol terminou a época com inougar brilho. Depois dos triunfos internacionais em Dublin e Paris, o Barcelona domina o Reims e vence o Sporting, classificando-se em n.º 1. Que mais se poderia exigir?

A base da vitória do Barcelona, em Chamartín, que registou meia-casa, esteve na extraordinária acção de um jogador que ainda ontem era desconhecido e agora toda a Espanha conhece e dele se ufana. Referimo-nos a Bassora, o extremo-direito do Barcelona, que é na verdade um grande valor no jogo, possuindo um estilo inconfundível e invulgares qualida-

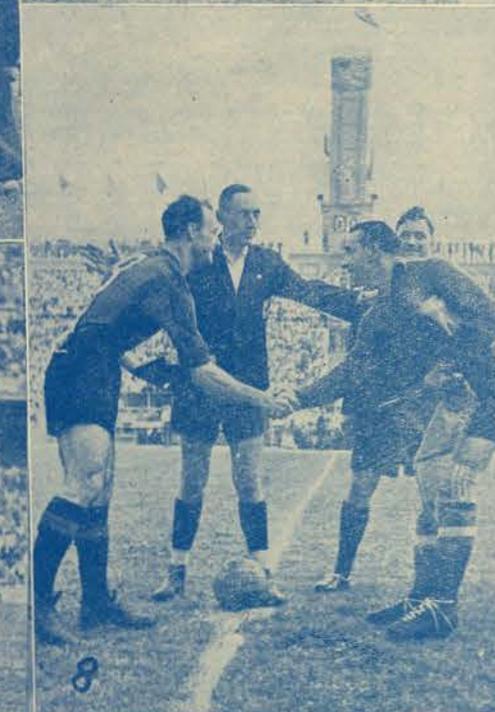
des. Vê-lo jogar é um prazer. Capta a bola, imprime ainda mais velocidade ao jogo, dribla para dentro e para fora, sempre rasteiro, e consegue ainda dar a maior eficiência ao seu futebol. Não se trata de um jogador que faz todas essas coisas tendo em mira fazer convergir para ele a atenção da assistência, mas sim de um elemento que se serve dessas qualidades pessoais — para ir direito ao fim. Juvenil, o duro e esforçado defesa sportinguista, teve um eclipse na sua carreira, mas esta não fica afectada para todo o sempre, não o vence o simpático jogador que, aliás, tem espírito de lula. Todos os elementos tem o seu Waterloo, e domingo passado foi um dia

(Continua na página 15)

# Na base da vitória do Barcelona estão dois nomes, Bassora e Curta

## SPORTING portou-se com dignidade e teve o empate à vista

(De Madrid — Crónica de TAVARES DA SILVA)



N.º 1 — Barrosa acorre com prontidão e rapidês, cortando um avanço de Navarro, o extremo-esquerdo do Barcelona. Deve afirmar-se, para honra da defesa sportinguista, que o catalão não conseguiu pôr pé em ramo verde... N.º 2 — O sr. prof. Carneiro Pacheco, embaixador de Portugal em Espanha que, na segunda-feira passada, deu uma recepção aos dirigentes, jornalistas e jogadores do Sporting, conversa animadamente com o presidente da Federação Internacional, sr. Jules Rimet. N.º 3 — No final do encontro — os jogadores confraternizam... Uns souberam ganhar, e outros souberam perder

N.º 1 — 1.º golo do Barcelona — Bassora fez o centro depois de se ter escapado a Veríssimo e Juvenal, e Seguer rematou vitoriosamente de cabeça. N.º 2 — 2.º golo do Barcelona — Do lado direito, com o pé esquerdo, Bassora, a nova vedeta do futebol espanhol, remata de modo a bater Azevedo, construindo a vitória. N.º 3 — O golo do Sporting — Albano passou a bola a Jesus Correia que, vertiginosamente, a anichou nas balizas com um fortíssimo remate. Velasco, tristemente, vai ao fundo das redes buscar a bola

N.º 4 — O team do Sporting que perdeu em Chamartín por 2-1, vendo-se no grupo o guarda-redes suplente Tormenta. N.º 5 — O grupo de honra do Clube de Futebol Barcelona, vencedor pela primeira vez da Taça Latina, torneio em que participaram os campeões da Espanha, Portugal, Itália e França, classificando-se pela ordem que os indicamos. N.º 6 — Chutada uma bola de longe, Peyroteo conseguiu adiantar-se a Curta, aliás, sem resultados práticos. Velasco defendeu por alto. N.º 7 — Cesar, no ar, tenta o remate de cabeça, que Azevedo, um pouco depois, defenderá com pericia. Manuel Marques acorre! N.º 8 — Azevedo e Cesar trocam galhardates e cumprimentam-se efusivamente. Daí a pouco, Azevedo executará defesas excelentes, ao passo que Cesar não passará de modestia...

# AS MEMÓRIAS DE XICO FERREIRA Recolhidas e contadas a ROSA DE MATOS

(Continuação do número anterior)

Os obstáculos, por maiores que sejam, não o atemorizam. Procura vencê-los — com o valor dos seus músculos, com a sua coragem, com o seu coração. Enquanto há nele um ditamo de energia, luta e batalha como um gigante.

É este temperamento que distingue o atleta vulgar de classe; é este génio que torna em ídolo um atleta de qualquer desporto. Francisco Ferreira é daqueles jogadores que no final dum desafio de futebol estão sempre satisfeitos com eles próprios; pode ser mais ou menos feliz — mas o que ele é sempre, é generoso, dedicado, esforçado, e, às vezes domina o campo todo, com a sua energia indomável. Vence os adversários, arrasta os companheiros, contagia o público. Sente o jogo. Vibra com as suas peripécias. Ama a luta pela vitória.

Vimaranesense de nascimento, Francisco Ferreira, morreu como um homem do sul, é a cápsula exacta do atleta do Benfca. O clube deve-lhe tardes brilhantes das mais belas dos últimos anos. A equipa nacional tem tido nele, e continua a ter, um dos seus mais firmes valores.

E à jovem — e, portanto, muitos triunfos Francisco Ferreira ainda oferecerá ao Benfca e ao futebol. As qualidades de Francisco Ferreira impõem-no como um dos melhores jogadores portugueses de sempre. Os atributos que elevaram os nossos jogadores encontram-se nele em alta escala, servidos por faculdades atléticas excepcionais. Tão depressa o vimos na defesa e afastar o perigo com pontapés longos ou cabeças espectaculars, como o vimos no ataque a ameaçar a baliza do adversário com o seu maravilhoso pé esquerdo. E multiplica-se, aparece em toda a parte. E luta sempre — até o último momento. Então pode dizer: — basta. Mas pode dizer com a consciência tranquila.

## CAPÍTULO IV O Xico Ferreira de hoje

Tendo alinhado no Benfca em 1938, pela primeira vez, Xico Ferreira não recorda o número exacto de vezes que, até hoje, converteu a camisola «rubra» do clube que serve com desmedido orgulho e incommensurável dedicação.

Não anda longe da verdade, contudo, quando afirma que por cerca de 450 vezes desceu aos campos de futebol, integrado nas equipas do Sport Lisboa e Benfca, disposto, sempre com a mesma genica e «alma», a dar tudo por tudo para que o seu clube viva horas de orgulho e de alegria.

Quatrocentas e cinquenta vezes!...

É sempre a mesma cor de camisola a cobrir-lhe o peito! E, na verdade, um número impressionante, e, que talvez poucos ainda tenham atentado.

Não admira, por isso, que o Xico seja hoje «o menino bonito» da imensa massa associativa do Benfca, que por todos os tifosos se veja acarinhado, aplaudido e incensado, e que a sua popularidade através do país de lés a lés e atinja as mais distantes paragens.

Quem, como o Xico, em tão elevado grau professe o amor clubista, bem merece na verdade o respeito dos seus conciosos. Quem, como o Xico, tem «arrancado» da boca dos que o vêm jogar a afirmação de que parece incrível poder jogar-se com tanta «alma benfquistas», tem a sua faceta de jogador dedicado bem vinculada intangível à dívida.



Xico Ferreira é sempre o mais dedicado dos camaradas...



Xico Ferreira foi seleccionado por Lisboa, em 1944, derrotando duas vezes a Selecção do Porto, uma por 8-5 e outra por 6-1

## Esmiuçando internacionalizações

Já demos para trás uma indicação do total de vezes que Xico Ferreira converteu a camisola das cinco equinas, também. Foram dezanove.

Dissemos, igualmente, e grosso modo, contra que selecções de países ele jogou.

Cabe, ainda, portanto, pormenorizarmos essas internacionalizações.

Assim, depois da primeira, em 1940, o Xico ficou um tanto desapontado consigo próprio, pelo pouco que havia jogado naquela inverosa — será melhor dizer polar — tarde de Paris, mas prometeu-se intimamente que haveria de voltar ao «jersey» das cinco equinas.

E cumpriu. Deu-se ao treino metódico, aturado, persistente, e breve verificava que a tarde em França fora «um episódio», apenas, da sua carreira.

O próprio facto de, entretanto, ser chamado a representar a selecção lisboeta nos dois encontros que esta disputou em 15 e 22 de Dezembro contra a equipa representativa da cidade do Porto, deram-lhe a certeza de que não falhara, e de que podia confiar novamente nas suas qualidades.

Teve por isso uma enorme alegria, quando o convocaram de novo, agora para jogar contra a Espanha, em Lisboa, a 12 de Março de 1941. E maior alegria sentiu, quando chegou ao fim do prélio e viu que o resultado fora de empate a 2 bolas.

E' que ganhar à Espanha... era quase uma utopia.

Ainda nesse mesmo ano, foi a Bilbao, em 16 de Março. Era a sua segunda saída ao estrangeiro, ao serviço de Portugal, e ele aproveitou-a o melhor que pôde. Apreciando as belezas naturais da cidade espanhola, e o «salero» de nuestras hermanas.

O pior foi o resultado do encontro. Perdemos por 1-3, e o Xico regressou cabibaiço.

Dessa tristeza, porém, desforrou-se logo no ano seguinte, em 1 de Janeiro de 1942, ao ser seleccionado para jogar contra o forte combinado da Suíça, uma equipa que impunha respeito.

Os nossos «pregaram-lha», no entanto, e bateram irresistivelmente os suíços, por 3-0, um «score» que não deixa margens para dúvidas.

Xico contribuiu largamente para a vitória portuguesa, jogando como ele sabe, com a sua tradicional «genica», e conserva ainda dessa tarde uma recordação agradabilíssima.

Jogou mais um encontro «internacional» nessa época, dois meses e dez dias depois daquele, contra a Espanha, em Lisboa, e só três anos depois voltou a alinhar numa selecção nacional — não porque deixasse de ser convocado, mas tão somente porque nesse lapso de tempo se não consentiram encontros «internacionais».

Retomou o curso da sua carreira em jogo contra a Espanha, a 6 de Maio de 1945, na Corunha, não tendo podido regressar vitorioso daquela cidade galega. Perdemos por 2-4.

Ainda nesse ano de 1945, em 21 de Maio, empreendeu uma viagem maravilhosa à Suíça, para derrotar a equipa helvética na cidade de Basileia, e perder por 0-1.

Em 1946 não conheceu o trazo da derrota. Jogou contra a França, e ganhou por 2-1, e ganhou à Irlanda por 3-1, de ambas as vezes em Lisboa.

Entretanto, veio o ano de 1947, e a 5 de Janeiro, Portugal jogava contra a Suíça.

(Continua no próximo número)

## NOTA EXPLICATIVA

Assinada por J. Almasqué, que supomos desportista praticante, recebemos uma carta em que afilivamente se clama contra a forma como nos referimos ao árbitro do encontro F. C. Porto-Benfca, jogado a 23 de Abril de 1939, ao aludir a este encontro nas «Memórias de Xico Ferreira».

Poderíamos dar à carta do sr. Almasqué outro destino que não fosse o de a retermos sobre a secretária, para lhe responder. Os próprios termos em que ela está redigida o justificam.

Entretanto, não fizemos tal, e redigimos esta Nota Explicativa.

Nota que visa, apenas, a avivar a atenção do nosso correspondente para este pormenor muito simples, mas que lhe escapou, certamente na pressa com que leu o que despretenciosamente escrevemos: não insultamos o árbitro do célebre encontro, nem sequer julgamos a sua actuação, como o sr. J. A. pretende.

Narrando o motivo de uma dolorosa lembrança do primeiro ano em que Xico Ferreira actuou no Benfca, mais não fizemos do que recordar o que tanto brado deu nessa época.

E se o nosso correspondente quiser dar-se ao trabalho de verificar a verdade da nossa afirmação, de mais não precisa do que consultar as colecções de «Stadium» e de «Os Sports», pois elas o elucidarão acerca do trabalho do árbitro do encontro em referência.

Aí sim! Aí é que se julgou um trabalho cujo mérito não critica-mos. Na «Stadium» há, até, se a memória não nos atraiça, uma fotografia do lance, que é bem elucidativa.

E já agora, permita-nos que lhe perguntemos desde quando é que Henrique Rosa — que foi o que escrevemos, e safu publicado — se pode ler Guido Rosa — que foi o que o sr. J. A. escreveu na sua carta?

ROSA DE MATOS

## Curiosidades...

A viagem do F. C. do Porto à nossa África esteve mais uma vez em perigo. Constatou na capital do Norte, não sabemos se com algum fundamento, que fôra superiormente proibida...

❖ O sr. Ministro da Educação Nacional, porém, deferiu a pretensão do F. C. do Porto. Realmente, não fazia sentido que o Sporting pudesse ir jogar à Suécia, o Benfica, à Madeira, o Belenense aos Açores, e... os portugueses não tivessem ordem de ir às Colónias.

❖ Isto não impede que jogadores arrojados estas saídas no «defeso». Vai ser bonito, na próxima época...

❖ O campeão portuense já não partirá de avião, como estava indicado. Deve embarcar no paquete «Império», no dia 13 do mês corrente. Não se conhece ainda a sua equipa. Julga-se que Fandiño não fará parte do conjunto, e já se sabe que Barrigana não pode acompanhar os seus colegas de equipa.

❖ A propósito de Barrigana, informamos que o «seu caso» pode considerar-se bem encaminhado, clinicamente.

❖ O Salgueiros é de novo campeão nacional de andebol, juniores, por desistência do Oriental, campeão de Lisboa, que informou não comparecer no jogo final.

❖ Foram muito apreciadas as notícias de ter sido entusiasticamente aplaudida em Lisboa a equipa de ginástica olímpica do Sport Clube do Porto. Oxalá estas boas referências da Imprensa e do público animem os praticantes.

❖ Parece que se está a perder muito tempo com «mais isto e mais aquilo» destinado a... instalar nas Antas do Estádio do F. C. do Porto. As «cidades», afinal, vão ficando pelo caminho, perdidas ou prejudicadas.

❖ Sua Excelência o Ministro da Guerra deferiu o pedido de transferência para o Porto dos «militares» Virgílio e Vieira de um modo que provocou palavras de simpatia do órgão do F. C. do Porto. Bem merecidas, na verdade.

❖ Talvez se não saiba que a realização da «Volta a Portugal» em bicicleta tem estado em perigo... E boçou-se determinada resistência, chegando ao Porto rumores de que nem só o Sporting deixaria de estar presente. Fazemos votos para que tal não aconteça e tudo se faça em boa paz.

❖ Aniceto Bruno continua a ser um nome considerado no ciclismo nortenho. O antigo e correcto corredor do F. C. do Porto, que treina autorizadamente os ciclistas da sua colectividade, foi agora chamado a orientar tecnicamente os 4 nortenhos seleccionados por Gil Moreira para o campeonato europeu. Estão em boas mãos. Aniceto Bruno é um admirável valor da velocidade e deu até agora inofensíveis provas. Os portugueses, pelo menos, não esquecem tão excelente servidor das suas aspirações e anseios.

# Stadium

## na capital do Norte

## FERNANDO MOREIRA NO BRASIL

Na altura em que escrevemos preparava-se Fernando Moreira para ir deabalada até S. Paulo. Quando «Stadium» estiver na rua, portanto, terá partido para terras brasileiras, a fim de dar satisfação a um honroso convite que de lá recebeu.

O valoroso velocipedista do F. C. do Porto entrará numa corrida que está despertando o maior interesse no Brasil, em competição com os corredores de várias nacionalidades sul-americanas e europeias, mas deverá regressar a tempo de tomar parte na «Volta a Portugal», de que foi indiscutível triunfador na época finda.

Por esta chamada ao Brasil, verifica-se que o nome do popular estradista atravessou as fronteiras com firmeza. Depois do seu bom comportamento na ultima «Volta a Morrocos», o que lhe valeu um convite para a «Volta a França», vai agora Fernando Moreira dar as suas provas mais longe um pouco. Oxalá seja feliz e deixe provada, mais uma vez, a sua categoria e também porque o ciclismo português pode e deve ter as suas aspirações bem legitimadas.

Não conhecemos, nesta altura, a natureza da corrida, visto que já ouvimos falar de várias dis-



tâncias. De qualquer modo, julgamos Fernando Moreira preparado para qualquer distância e até para qualquer piso. A subir, a descer, em terreno plano ou na pista, se ela for pelo menos razoável — sabe andar Fernando Moreira. Confieemos portanto no comportamento do nosso bom representante. E boa viagem e feliz regresso.

## MOSAICOS nortenhos...

### A VITÓRIA DE JAIME CAMPOS

Jaime Correia de Campos não apareceu só agora a praticar desporto. Embora a sua paixão actual pareça estar inteiramente ligada à motocicleta, de que se tornou campeão absoluto nas recentes corridas de Vila Real, conhecemos Jaime de Campos desde os tempos de campeão da légua, jovem e esperançado, adversário digno de António de Almeida, Albano Martins, Domingos Marques, Diamantino França e Manuel Dias, estes dois últimos aparecendo depois.

Não se dedicou apenas ao pedestrianismo. Jaime Correia de Campos, desde muito novo atraído para o desporto, praticou também futebol, defendendo em qualquer das modalidades o F. C. do Porto. Temperamento decidido, enérgico, Jaime de Campos tem feito o possível por prestigiar agora o motociclismo, e merece sinceros aplausos pela sua decisão. Os novos não o perturbam...

### AS ARBITRAGENS DO ANDEBOL

Dois-a-zero já é demasiado. Os portugueses do F. C. do Porto queixam-se amargamente do árbitro que dirigiu o seu jogo com o Sporting. Como já se haviam queixado quando encontraram o Belenense, nas Salésias. Alguns críticos lisboetas também se fizeram eco do desmando arbitral, excepto um deles, por demais ligado certamente ao clube de cuja equipa faz parte. Naturalíssimo.

De qualquer modo, contando com exageros de um lado e do outro, mas tendo como certo a irregularidade das arbitragens no andebol, achamos que seria tempo de se saber em Portugal alguma coisa sobre as suas leis. Também nos permitimos discordar do sistema seguido esta época, sistema que permite «toda a liberdade» do juiz de campo menos bem preparado tecnicamente ou alguma coisa sensível ao clubismo. Essa «liberdade», em ambiente neutro, não aparece tão expressivamente... e é uma forma de obrigar a ser alguma coisa imparcial.

## A POUCA SORTE

Ninguém o poderá negar. O F. C. do Porto, que principiou a época disposto a bater-se entusiasticamente, viu-se a breve trecho perturbado por uma lamentável série de precalços. Vítima de árbitros, verdade inegável, na Tapadinha, no Estoril... em Setúbal; vítima de azar, que afastou vários elementos, e por diversas vezes, da sua equipa; vítima, do próprio Sorteio, pois na «Taça» não teve o único jogo em casa, acaba por sofrer mais uma grande baixa, embora no final da época e a tempo de afastar maior perigo: — a lesão forte do guarda-redes Barrigana.

E' na verdade aborrecido para os azues-brancos, que tanto se

tem esforçado pela conquista de uma equipa forte, esta vaga de insucessos e contrariedades. Na altura em que escrevemos, julgamos que o guarda-redes «internacional» Barrigana será apenas forçado a um estágio de 2 meses.

Seja como fôr, porém, o acontecimento revela-nos mais uma vez a infelicidade do mais popular clube da capital do Norte.

A época terminou como principiara para ele — Estava escrito que assim havia de suceder e de pouco ou nada valerá o lamento da crítica e dos seus associados e amigos. Mas como os golpes de pouca sorte se encadearam deste modo uns nos outros, não nos dispensaremos do seu relato simples, para que a história desta época de má cara não possa ser esquecida mais tarde ou mais cedo. Claro que outros dias melhores deverão aparecer ao clube, que é como quem diz: — ao futebol portuense. Oxalá.

**A MODERNA**  
OFICINA DE ENCADENAÇÃO  
Rua Eduardo Coelho, 22-C  
Telef. 30078 LISBOA

Assinem a STADIUM

## OS ESTRANGEIROS NA VOLTA

A participação de numerosos ciclistas estrangeiros na «Volta a Portugal» tem dado origem a variados comentários, favoráveis ou desfavoráveis, visando as consequências que dela podem advir para a evolução do ciclismo nacional.

Dizem os partidários, que esses corredores, mais experientes e de melhor escola técnica, trarão aos portugueses ensinamentos aproveitáveis. O raciocínio está certo, se os corredores importados tiverem, na realidade, conhecimentos e classe.

Dizem os adversários, que a presença desses homens na mais importante prova do nosso calendário e apenas nessa, em vez de criar emulação, determina nos ciclistas portugueses um sentimento de mal-estar.

Citam-nos uma frase expressiva: «Quem roi os ossos é que deve comer a carne».

D'fine perfeitamente a situação.

Desde já, porém, esta invasão estrangeira da última hora, põe em foco um problema cujo enunciado necessitou do esclarecimento oficial.

Quantos corredores estrangeiros pode alinhar um clube?

O artigo 60.º do decreto que regulamenta a actividade desportiva em Portugal, determina que, nos desportos de equipa, o número de estrangeiros não pode exceder um terço da totalidade dos componentes da equipa.

Aplicando a doutrina à «Volta a Portugal», prova onde o número de representantes de cada clube é indeterminado, podendo contar todos para a classificação colectiva, os estrangeiros em cada uma será, ao máximo, de um terço de quantos o clube alinhe no início da corrida. A situação na sequência da prova já não importa; a doutrina da lei aplica-se ao início da competição.

Supunhamos, para exemplo, um grupo de futebol com três estrangeiros integrados; no decurso da partida saem do campo três portugueses e, nos oito restantes a percentagem de estrangeiros excede à proporção estabelecida pela lei. No entanto não se mandará sair um estrangeiro para que seja mantido o limite de um terço.

Por este ano, o caso está arrumado e terá que ser assim. Para futuro, porém, parece-nos conveniente que o assunto seja estudado e regulamentado, impondo-se certas reservas: limitação do número de corredores estrangeiros importados exclusivamente para a «Volta».

## A época de 1948-49 (4)

# Futebol Clube do Porto

O campeão nortenho iniciou a prova máxima de futebol nacional num ambiente de singular expectativa. O F. C. do Porto desenvolveu considerável esforço no sentido de fortalecer o seu «team» de honra, e havia vivo interesse em ver até que ponto o glorioso clube portuense poder considerá-lo sério candidato ao título que a poderosa equipa «leonina» conservava desde 1947.

O reforço principal reside na transferência do avançado-centro do Atlético para o clube alvi-azul. Eduardo Vital, que se estreára na época de 1947-48, notabilizou-se rapidamente, tendo sido o segundo da lista dos marcadores desse Campeonato.

Sabendo-se que o primeiro tinha sido Araújo, imagine-se o potencial de remate com que teóricamente ficaria a equipa do F. C. do Porto. Outros reforços que o campeão nortenho apresentou foram os sul-americanos Da Silva e Fandiño.

Mas nem Vital pôde jogar a maioria dos jogos, nem tampouco Araújo se exibiu na mesma forma magnífica que o guindou a Selecção Nacional. No final da época deixou de prestar o seu concurso, ainda assim vilioso, à turma alvi-azul, por motivo de doença. Quanto aos méritos dos dois estrangeiros divergiram os critérios. Depressa se verificou que o brasileiro Da Silva não é o tipo de futebolista que convém aos clubes portugueses. Fandiño, mais dedicado à camisola azul-branca, e embora tenha atravessado um período de má condição física, teve algumas exhibições de relevo.

Mas o jogador que maior eficiência havia de conquistar no F. C. do Porto não seria da linha de ataque — mas sim de defesa, embora tivesse começado a sua carreira como avançado! Referimo-nos a Virgílio, o jovem defensor direito que logrou preencher a vaga deixada no «onze» nacional por Cardoso.

Virgílio na época anterior fizera o lugar de defesa-esquerda, na falta de Carvalho. A ausência de Gutierrez obrigou a uma melhor colocação das pedras defensivas, passando o excelente atleta Alfredo para o centro da defesa, cedendo o seu posto a Virgílio e voltando Carvalho ao seu lugar de médio recuada da ala esquerda.

Com Barrigana melhor que nunca nas redes, o sector defensivo do F. C. do Porto elevou-se deste modo a grande nível técnico, rivalizando com as melhores «defesas» nacionais, nomeadamente a do Belenense e do Benfica. Com Joaquim e Romão na meia defesa (médios de ataque), o F. C. do Porto possui realmente um dispositivo recuada de categoria, servido por seis rapazes de força homogênea e susceptíveis de progredir mais ainda.

Com uma linha de ataque que possui valores individuais como Araújo, Vital, Sanfins e Gastão — para só falar nos consagrados, — é indubitável que o F. C. do Porto tem possibilidades de apresentar uma grande equipa, capaz de emprestar o maior brilho às provas futebolísticas de Portugal.

## Números e curiosidades

Na série de artigos semelhantes que publicamos no ano passado, escrevemos a respeito do Campeão do Norte: «Para ganhar o torneio máximo, o F. C. do Porto tem de apresentar uma equipa capaz de ganhar ou qualquer parte — incluído no Estádio João Alvalade ou no Campo Grande!...»

Ora na presente época, o F. C. do Porto provou possuir equipa capaz de obter os êxitos que preconizamos para lutar de igual para igual na conquista do título. Venceu no Estádio Alvalade e empatou no Campo Grande!

O desequilíbrio manifestou-se através de alguns resultados pouco normais, como por exemplo o duplo re-

vez frente ao Sporting de Braga, derrota contra o penúltimo classificado, etc.. Basta dizer que, contando apenas os pontos feitos entre si em relação aos quatro primeiros classificados do Campeonato, é o F. C. do Porto que alcança a mais alta classificação, com 4 vitórias, 1 empate e 1 derrota!

O Sporting não consegue melhor, nesta classificação, do que 3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, ambas estas inferiores às do «Porto».

Os portuenses obtiveram, na totalidade, 16 vitórias, 1 empate e 9 derrotas, 55 golos contra 37.

O melhor marcador foi ainda Araújo, com 11 golos. Seguem-se: Vital e Santins, 10; Vieira, 9; Lino, 4; Gastão, Diogenes e Romão, 2; Virgílio, Joaquim, Correia Dias, Da Silva e Fandiño, 1.

Barrigana sofreu 34 golos e Valongo, 3.

Na «Taça de Portugal» o F. C. do Porto foi eliminado nos «quartos de final» em Setúbal, por 1-0, depois de vencer o Almada, por 2-1 e o Vitória de Guimarães, por 4-1.

VASCO SANTOS

## O desporto no Salão de Estética do Ribatejo



Não faltaram os motivos desportivos no II Salão Provincial de Educação Estética do Ribatejo da Mocidade Portuguesa realizado em Santarém, sob a direcção do dr. Adolfo Faria de Castro.

Entre as maquetas apresentadas pelos alunos da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém figuravam «Parque desportivo» e «Piscina».

## ARCADIA O DANCING N.º 1 — DA CAPITAL —

Apresenta o mais categorizado programa de atracções com  
a famosa estrela ELENITA ESPEJO  
ao baile classico

A parêlha de bailarinos Los Wornoff  
excêtricos

A gran cantante de regional

## CORALILLO DE GRANADA

ANITA LUCENA, Mary-Mely, Hermanas Baron, Hermanas  
Didier, Emilia Gomez, Sara Secy e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

ARCADIA com a vocalista DAINA  
norte-americana

THE ROYAL JAZZ com a vocalista JULIETA RODRIGUES

Ar condicionado

Temperatura agradável

# O ATLETICO inaugurou um magnífico campo de basquetebol

## Vem aí os americanos

**A** inauguração de um campo de basquetebol no estádio da Tapadinha constituiu, além de uma iniciativa que em muito vem ajudar a actividade do popular desporto, uma afirmação de quanto pode a dedicação e o entusiasmo dos sócios de uma colectividade. É a eles de facto que em muitos casos se ficam devendo coisas admiráveis, exemplos belos de interesse e entusiasmo por uma causa. Está neste caso o novo campo de basquetebol que no domingo o Atlético inaugurou.

Sem dispêndio para o clube, valendo-se de amizades, pedindo aqui um bocadinho de cimento, ali uma lata de tiata, um grupo de sócios tendo à frente os dois directores de campo, sr. José Loureiro e Manuel Viana e bem secundados pela comissão de basquetebol sr. Jaime Franco, Eduardo Antunes, S.úil Alves e Alfredo Lopes, apresentou a bellissima obra que fica sendo o melhor campo do país.

O campo reúne magníficas condições técnicas e de acomodação para o público. O piso, as tabeas, a vedação que separa bem o público do jogo e as bancadas formam um conjunto que será, já de seguida melhorado, completando-se as cabines e cobrindo a parte das bancadas no cimo das quais há uma fila de pequenos camarotes.

A inauguração do recinto teve a presença do dr. Ayala Boto, inspector dos desportos, e várias entidades desportivas, tendo-se disputado dois jogos, entre o Benfica e o Agés e Dafundo, para a taça «Inauguração» (38 35 para os encarnados) e Atlético-Lisgás, para a taça capitão «Alcino Pires» (vitória do Atlético p. r 58 30).

No intervalo destes dois jogos os jogadores do Benfica e do Atlético defrontaram-se num jogo exhibição.



Um aspecto geral do novo campo de basquetebol do Atlético



O capitão Alcino Pires, presidente do Atlético, corta a fita que vedava a entrada do campo, no momento da inauguração



Uma fase do jogo Atlético-Lisgás

## O prosseguimento das obras do Sporting

No esclarecimento do sr. engenheiro Mário Themudo Barata, que publicámos no nosso último número, acerca de uma reportagem publicada no n.º 341 da *Stadium*, um erro tipográfico omitiu uma palavra, que muito embora não mudasse o sentido desse esclarecimento, não reproduz fielmente a carta que o sr. engenheiro Mário Barata nos enviou com o pedido de publicação.

Escreveu de facto o sr. engenheiro Mário Barata: «... que o prosseguimento das obras está apenas pendente do acabamento do projecto e seu orçamento, venho esclarecer, a bem da verdade, que o caso está pendente não de mim, mas sim da Ex.ª Direcção do Sporting Clube de Portugal, a quem oportunamente expuz a necessidade de resolver assuntos com ele intimamente relacionados.»

Fica assim textualmente certa a reprodução da carta que nos enviou o conhecido elemento portinguista.



A equipa do Atlético com os dirigentes da secção de basquetebol, que esta época tem firmado posição de relevo no desporto da bola ao cesto. O grupo, ganhando no domingo a taça «Capitão Alcino Pires», prefez o número 10 de trofeus conquistados esta época

Sábado e domingo próximos, o público lisboeta vai ter ocasião de assistir à mais importante reunião de atletismo que até à data se organizou em Portugal.

Abalçou-se o Sporting a trazer, apesar dos pesados encargos, um grupo de atletas americanos, seleccionados entre os melhores classificados nos recentes campeonatos nacionais dos Estados Unidos.

Os seus nomes, já famosos nos, extraordinárias revelações outros, são já conhecidos bem como os resultados por eles obtidos: 10,35 - 20 35 nos 100 e nos 200 metros; 13 85 nas barreiras, mais de dois metros em altura e 4.40 com a vara; peso além dos 17 metros e o dardo a 76 metros, melhor marca do ano no mundo inteiro.

Para o nível do nosso atletismo, homens desta classe parecem fenómenos; no entanto, na América eles não constituem uma excepção. Embora sejam os primeiros valores, vários outros se lhes aproximam e podem substituí-los em breve prazo.

Antes dos campeonatos americanos, 9 lançadores atiraram o peso a mais de 16 metros e 7 o disco a mais de 50 m.; 3 saltadores transpuseram 2 metros ou mais e 11 outros subiram a mais de 4 m. com o auxílio da vara; 7 corredores correram as 220 jardas em menos de 21 s.; 15, à 440 jardas em menos de 48,5 s. e, para terminar lista, registaram-se nos 110 metros barreiras 15 tempos inferiores a 14 5 s.

Aos portugueses, cujos esforços de progresso tão dificilmente fazem avançar um passo, pode parecer incrível tal grau de desenvolvimento ou, então, justificá-lo pela existência de uma raça de super-homens. E, no entanto, a explicação é fácil e o método acessível a qualquer povo.

Resume-se em duas palavras: iniciação precoce.

Os rapazes americanos começam a sua aprendizagem nos primeiros graus da escola primária; quando entram para a «junior High School», aos 13 anos, já durante seis ou sete anos consagram uma hora por dia à prática dos jogos e desportos, sem competições, mas ensaiando os mil exercícios de preparação técnica dos estilos nas mais variadas modalidades. Adquirem assim entusiasmo e adaptação cujos benefícios se fazem sentir na sequência da sua carreira desportiva.

Aos 17 anos, quando os portugueses começam, já os americanos contam dez anos de preparação pré desportiva.

E' por esta forma que se constrói uma raça de atletas.

## Condições de assinatura

### Pagamento adiantado

|                          |         |
|--------------------------|---------|
| Custo por número . . . . | 2\$50   |
| 3 meses, Esc. . . . .    | 32\$50  |
| 6 » » . . . . .          | 65\$00  |
| 12 » » . . . . .         | 130\$00 |

## NOTA DA SEMANA

**A** MADORISMO e profissionalismo são as duas correntes políticas principais do desporto internacional. Constantemente na primeira linha dos acontecimentos discutíveis, raro é o dia em que o assunto não se debate, como raros vão sendo os argumentos novos, aduzidos em benefício de uma ou de outra causa.

Conforme já tivemos oportunidade de dizer, julgamos que pôr em equação o problema de amador e de profissional desportivo é achar a solução da incógnita.

As situações sem contornos definidos, esbatidas, aqui como em tudo, só favorecem os videirinhos que, pelo seu número, simulação e força se têm locupletado, até hoje, com os benefícios.

Voto agora a lume um livro excelente sobre a Roma do Tênis, denominado «The Romance of Wimbledon», e de que é autor o antigo tenista John Olliff. Sendo um hino de louvor ao famoso torneio de todos os anos, o primeiro do Mundo em reputação, prestígio e antiguidade, não deixou de considerá-lo como anacrónico e fora dos tempos modernos.

«Sem o concurso de Kramer, Budge, Riggs, Petra, Alice Marble, Paulina Betz, etc., Wimbledon não passa de um campeonato de 2.ª ordem», diz J. Olliff.

Sob o aspecto estritamente desportivo, nada está mais certo.

Ivan Sharp, comentador do importante Sunday Chronicle, acrescenta a seguinte e judiciosa observação: «Sem o profissionalismo o cricket não passaria de passatempo domingueiro, pois que os campeonatos de condados e os desafios internacionais seriam impossíveis. A popularidade e o desenvolvimento do golfe deve-se, também, à sua profissionalização que impulsionou e aplaudido desporto até posições jamais alcançadas».

O único óbice verdadeiro, que trava o desenvolvimento do profissionalismo, é a resistência da tradição aliada aos interesses dos «profiteiros». Demolir tais escolhos constitui um dever de todos os desportistas.

**L**EVANTOU-SE, em Inglaterra, um pequeno incidente com o interior-direito do grupo nacional e do De by County. John Morris, recordista dos prémios de transferência. Como alguns leitores talvez se re-ordem, Morris passou do Manchester United para o seu actual clube mediante 25.000 libras de indemnização.

Isto diz tudo, evidentemente, acerca do valor futebolístico de Morris mas o Manchester United, pelo facto dele ter saído do clube no fim da presente época, não quer incluí-lo na relação dos jogadores de talento que foram contemplados com 440 libras.

Morris levará o caso até ao Comité Directivo da Liga de Futebol, porquanto se julga esbulhado pelo seu antigo clube.

Veja-se como um clube, que percebeu 25.000 libras pelo talento de um seu jogador, se recusa a entregar-lhe a parte que lhe cabe num magro bolo de 440 libras!

RAFAEL BARRADAS

## Boxe

Semana bastante frouxa. Na Europa, dois campeões, Tibério Mitri (médios) e Guido Ferracín (levíssimos) enfrentaram, em Génova e Belfast, respectivamente, a oposição do francês Kid Marcel e do irlandês Eddie Doran, acabando vencedores por pontos.

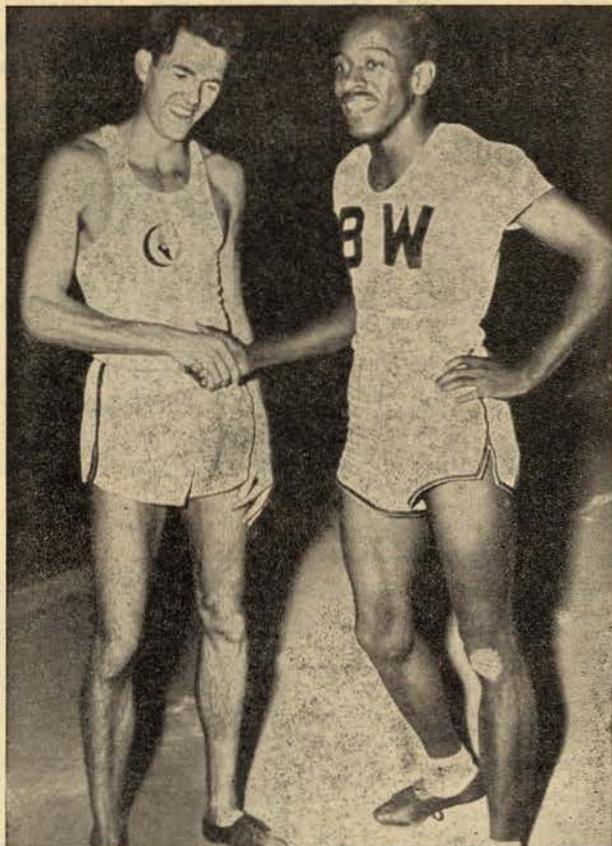
Jean Stock, titular francês de «médios» bateu por pontos, em Chateau-Thierry, o jovem Royer Crécy que promete subir a altos postos, se prosseguir.

Mickey Jaurent, em Marselha, mediu-se com o italiano G. Manca e ao 5.º assalto o árbitro interveio, para salvar o italiano que sangrava da face. Outro italiano, Mola, perdeu com Ch. Humetz, em Génova.

## Natação

O extraordinário nadador japonês Furuhashi, cujas proezas não conseguiram homologação internacional, por virtude do seu país estar fora da Federação respectiva, acaba de realizar o seu grande sonho.

Na piscina de Nagoya (Toquio), sob a vigilância dos novos dirigentes do desporto japonês, Furuhashi pulverizou o recorde mundial de 800 metros, estilo-livre, registando o tempo de 9 m. 4,6 s. que bate o antigo recorde do americano Billy Smith, por 5,3 s.



O grande atleta americano Dixon, após ter feito os 110 metros-barreiras em 13,8 s. é saudado com visível satisfação por Dillard, o qual não perde a boa disposição — mesmo quando não ganha...

## Ténis

Está a entrar no epílogo o famoso torneio de Wimbledon, verdadeiro campeonato do Mundo de ténis e que mais uma vez reuniu as inscrições dos melhores raquetes de todo o Mundo.

Como sempre não faltaram surpresas na competição masculina. O famoso californiano Pancho Gonzales, em péssima condição física e moral, deixou-se bater pelo australiano Geoff Brown, finalista de 1946, em três partidas. Ficaram apurados semi-finalistas, depois de rijas e brilhantes batalhas, um europeu, Drobny (vencedor de G. Brown, por 2/6, 7/5, 1/6, 6/2, 6/4), um australiano, Bromwich (ganhando a Bob Falkenburg por 3/6, 9/11, 6/0, 6/0, 6/4), um sul-africano, Sturgess (que eliminou Frank Parker, por 3/6, 6/4, 3/6, 6/1, 6/3) e o americano Schroeder, cujo duelo com o australiano Sedgman foi épico e terminou pelo resultado de 3/6, 6/8, 6/3, 6/2, 9/7.

❖ O campeonato profissional dos Estados Unidos disputou-se em Forrest-Hills, e saiu vitorioso o californiano B. Riggs, vencedor do veterano Donald Budge, por 9/7, 3/6, 6/3, 7/5.

Kramer, detentor em 1948, não se inscreveu na competição.

❖ Antes de Wimbledon realizou-se o torneio do Queen's Club,

## Esgrima

Realizou-se em Veneza (Itália) um torneio internacional de espada, com a participação de representantes franceses, suecos, belgas e italianos.

Por equipas, a Itália venceu a Bélgica (10-6), a França (8-7) e a Suécia (11-5 conquistando o primeiro posto. Em segunda e terceira posições classificaram-se a Suécia, com 2 vitórias, e a França, com 1. No último lugar ficou a Bélgica.

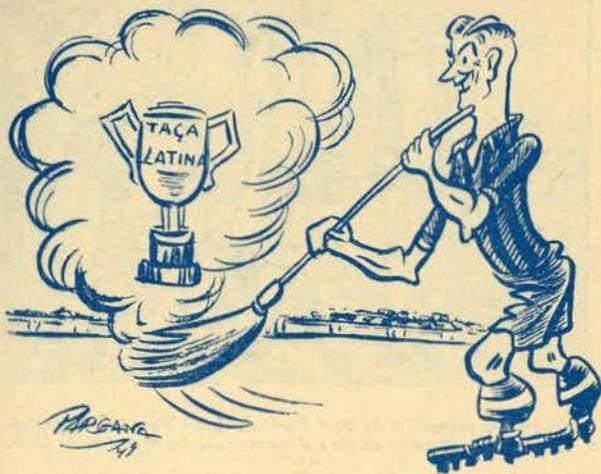
Seguidamente, efectuou-se um torneio individual, terminando com a vitória do reputado espadachim italiano Eduardo Mangiarotti sobre o irmão Dario, por 10 toques a 8. Na meia-final haviam eliminado, respectivamente, o italiano B. taglia (10-8) e o belga Corrélia (10-7).

de Londres, espécie de prova preparatória para o grande campeonato do AU-England Tennis Clube. Terminou com os resultados seguintes:

Singulares: Ted Schroeder vencendo Gardner Mulloy; sr.ª Luisa Brongh derrotando sr.ª Dupont-Osborne.

Pares: B. Sidwell-Geoff Brown bateram J. Bromwich F. Sedgman e as sr.ª Pat Todd e Moran dispoeram de Miss Joy Gannon e sr.ª B. Hilton.

## A "graça" da semana



— Com um «Bassora» tinha que tocar a limpeza!

## João Pereira da Rosa

na hora do 50.º aniversário da sua entrada para o «Século»



Festejando o 50.º aniversário da entrada para «O Século» de João Pereira da Rosa, todos que trabalham naquele grande e importante órgão de Imprensa, levaram a cabo várias manifestações de simpatia, carinho e respeito pelo director de «O Século», que teve a grata oportunidade de apreciar como o seu talento e carácter são vivamente respeitados.

João Pereira da Rosa, que tem nos seus filhos Guilherme e Carlos os dignos continuadores da sua bela obra de jornalismo, foi condecorado pelo Governo e alvo de grandes manifestações de ternura e de sincera amizade, com as quais «Stadium» se torna inteiramente solidária.

Em baixo — Os basquetistas da Associação Académica de Coimbra, magníficos vencedores do Campeonato Nacional de basquetebol

## BASQUETEBOLE

A ACADEMICA venceu brilhantemente o «Nacional» da I Divisão

**T**ERMINOU o Campeonato Nacional da I Divisão, com a vitória da Associação Académica de Coimbra — uma equipa que entrou nesta competição, pela primeira vez.

O brilhante comportamento dos estudantes foi, em várias ocasiões, posto em relevo, no decorrer do torneio. Realmente, desde a primeira jornada, o novo campeão marcou uma posição interessante, dando, logo, ideia das suas reais possibilidades.

Levando todos os adversários de vencida, quer jogando no seu campo, quer em terreno alheio, os académicos chegaram ao fim da prova, sem que, uma única vez, tivessem saído do seu rectângulo, vergado ao peso da derrota.

E, isto diz tudo. Na invejável posição do «leader», desde a primeira «ronda» do Campeonato, a Académica não mais abandonou o alto da tabela da classificação, provando, assim, uma regularidade e um valor que, muito justamente lhe proporcionaram o seu primeiro título nacional na modalidade.

Foi pena que, pelas razões já suficientemente conhecidas, os clubes de Lisboa não tivessem tomado parte na competição, pois a sua presença ter-lhe-ia dado enorme interesse. Mas, mesmo assim, com a prova limitada aos clubes do Norte e ao Barreirense, pode dizer-se que o Campeonato Nacional deste ano despertou certo entusiasmo, sobretudo nos centros ligados às colectividades em luta. Deve, por isso, salientar-se o triunfo académico, pelo que ele contém de vontade, de esforço e de desejo de valorização.

Em segundo lugar, classificou-se o Vasco da Gama, antigo campeão nacional, que foi batido, na última jornada da prova, pela Académica, no Porto. Esta derrota saiu cara ao simpático aguçamento nortenho, pois ele representou nada menos do que um campeonato. Ganhando, por diferença superior a dois pontos, o Vasco continuaria na posse do título. Assim, consentindo uma derrota, embora só por três pontos (44-41), viu passar para as mãos dos conimbricenses a honrosa designação de campeão nacional.

Em terceiro lugar, ficou o Fluvial — uma equipa que esteve bastante mal, em relação à última época. No entanto, como é constituído, na sua maioria, por elementos jovens, deve esperar-se uma próxima melhoria.

O Barreirense, quarto classificado, não tinha grandes aspirações. Marcou boa posição, sobretudo no seu campo, mostrando-se adversário de respeito.

Finalmente, o Sangalhos, que encerra a curta lista de concorrentes, parecem ser, de facto, a equipa mais fraca do torneio. Não causou estranheza, por isso, a sua classificação.

MONTEIRO POÇAS

## Barcelona, 2-Sporting, 1

(Continuação da página 8)

aziago para Juvenal. Por culpa própria? Juvenal não teve cabeça para ouvir claramente o que lhe disseram, ou então não acreditou que o perigo fosse tão grande. Deu demasiadas largas ao seu repuldo e perigoso adversário, deixando-se subjugar e abrindo brechas no seu sector defensivo. Cremos que a sua culpa não é total, mas seja como for a sua actuação facilitou e provocou a vitória do Barcelona.

Também o ataque do Sporting não conseguiu uma exibição à altura dos seus reconhecidos méritos, não só por culpa de Peyroteo, o qual se deixou subjugar e anular com relativa facilidade, mas ainda porque Travaços não estava em condições de alinhar. Estivemos longe de ser perigosos no remate, o mesmo já não sucedendo aos espanhóis que encontraram um Azevedo disposto a tudo.

O Barcelona alinhou: Valono;

Calvel, Curta e Torrás; Gonzalvo III e Gonzalvo II; Bassora, Seguer, Cesar Canal e Navarro.

O Sporting apresentou o seu grupo habitual, com Azevedo, Barrosa, Manuel Marques e Juvenal, Candário e Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços e Albano.

O primeiro golo dos catalães foi marcado por Seguer, aos 10 minutos, em passagem de Bassora; o segundo, aos 50 minutos, pelo mesmo Bassora. O ponto de honra do Sporting foi obtido por Jesus Correia, aos 26 minutos, recolhendo uma passagem de Albano.

O Sporting teve uma punição severa à vista, mas ao livrar-se de apuros, podia ter chegado ao empate, e de aí à vitória era um passo. Distinguiram-se no Barcelona, especialmente, Bassora e Curta, os dois pilares do triunfo. Azevedo foi o nome do Sporting. Todos trabalharam com decidida vontade. Arbitragem de são critério e imparcial.



# O XXI PORTO-LISBOA e a chegada às Salésias



*Fernando Moreira entra triunfante na pista das Salésias, onde foi recebido com entusiásticas voçóes*



*O percurso Porto-Lisboa para uma corrida de bicicletas é duro... mas suavizado por acolhedor arvoredo. Eis este pelotão, na subida dos Carvalhos, pedalando com a vontade*



*Depois de S. João da Madeira o pelotão caminhava unido, no entanto, por certo, atento a qualquer surpresa...*



*Os quatro primeiros do 21.º Porto-Lisboa: Fernando Moreira, Lambertini, Moreira de Sá e Joaquim Costa, todos do F. C. P.*



*A equipa de Lisboa que triunfou na prova de estafetas*

## ANDEBOL

### A TAÇA «IMPREENSA»

foi ganha pelo Grupo Desportivo «Os Treze»



*Disputou-se no domingo o jogo final da Taça «Imprensa» entre o Grupo Desportivo «Os Treze» e o Benfica.*

*«Os Treze» ganharam o desafio com merecimento, vencendo o Benfica por 5-4.*

*A nossa foto fixa uma jogada em que um benfiquista intercepta uma jogada de «Os Treze».*